



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF DANIEL SOUZA DE ALBUQUERQUE

O EMPREGO DO CAÇADOR NA DEFESA EM ÁREA EDIFICADA

**Rio de Janeiro
2018**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF DANIEL SOUZA DE ALBUQUERQUE

O EMPREGO DO CAÇADOR NA DEFESA EM ÁREA EDIFICADA

Artigo Científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em Gestão Organizacional

Orientador: Thiago de Paula Sotte

**Rio de Janeiro
2018**

O EMPREGO DO CAÇADOR NA DEFESA EM ÁREA EDIFICADA

DANIEL SOUZA DE ALBUQUERQUE*
THIAGO DE PAULA SOTTE**

RESUMO

O presente trabalho científico apresenta as peculiaridades, capacidades e limitações do Caçador, considerando o contexto do combate moderno e seu emprego em uma defesa em área edificada. Sua finalidade é apresentar as características do sistema de armas Caçador, verificando quais as mais preponderantes numa situação de combate em área edificada, haja vista que tal abordagem não está incluída em nenhuma literatura nacional. Trata-se, portanto, de uma doutrina a ser desenvolvida. A fim de cumprir essa intenção, este artigo, utiliza-se de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, questionário e entrevista. Apresenta as capacidades, limitações e formas de emprego do Caçador nos dias atuais, bem como um panorama geral dos combates modernos, com ênfase em suas atuais características de assimetria, multidimensionalidade e amplo espectro. Aborda os detalhes do combate em área edificada existentes nos manuais do Exército Brasileiro e estrangeiros, inseridos no contexto do combate de amplo espectro. Com base nesse tripé, qual seja o Caçador, o ambiente moderno de combate e o combate em área edificada, esse estudo apresenta quais capacidades/potencialidades do Caçador podem ser melhor aproveitadas e desenvolvidas para o emprego no combate em localidade, subsidiando o Comandante de Unidade na tomada de decisão quanto ao emprego mais eficiente, eficaz e efetivo do Caçador.

Palavras-chave: caçador, combate em área edificada, combate moderno.

ABSTRACT

The present work presents the peculiarities, capacities and limitations of the Sniper considering the context of the modern combat and your use in a defense in built area. Your purpose is to present the characteristics of the Hunter weapon system, verifying which are more preponderant in a combat situation in built area, since such an approach is not included in any national literature and, therefore, is a doctrine to be developed. In order to fulfill this intention, this article, which began in November 2017 and is expected to be completed in September 2018, uses bibliographic research and questionnaire. It presents Sniper's abilities, limitations, and ways of employment today, as well as an overview of modern fighting, with an emphasis on its current asymmetry, multidimensionality, and broad spectrum characteristics. It addresses the details of the combat in built area existing in the manuals of the Brazilian Army and outside, inserted in the context of the combat of broad spectrum. Based on this tripod, which is the Sniper, the modern combat environment and the combat in the built area, it analyzes which abilities / potential of the Sniper can be better utilized and developed for the use in the combat in locality, subsidizing the Unit Commander in the decision making regarding the most eficiente and effective use of the Sniper.

Keywords: hunter, combat in built-up area, modern combat.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2008.

** Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2007. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2017.

1 INTRODUÇÃO

Há muito, vários exércitos utilizam os caçadores, que ganharam denominações diversas como *Scharfchutzen*, no exército alemão, onde se destaca seu emprego nas batalhas de Stalingrado, na então União das Repúblicas Soviética, no ano de 1942. Nos países de língua inglesa convencionou-se denomina-los *Sniper*, nos quais tem em destaque o relativamente recente emprego nas Guerras do Iraque e Afeganistão, no Oriente Médio. Modernamente, outros adotaram esta última denominação, sem adaptá-la ao idioma local. No Brasil, a tradução ficou reduzida a “Caçador” (BRASIL, 1998).

O Caçador (Caçd) é um "sistema de armas" de extrema valia para às forças militares e órgãos de segurança civis, sendo de suma importância no atual cenário mundial eivado de conflitos regionais, terrorismo e violência urbana. No contexto do emprego da Força Terrestre, o Caçd é um multiplicador de combate eficiente à disposição de um comandante. A filosofia para o emprego do Caçd pode ser traduzida pela seguinte frase: "Um tiro, uma baixa" (BRASIL, 1998).

O caráter difuso das ameaças, o ambiente do campo de batalha contemporâneo, cada vez mais não linear, descontínuo, assimétrico e multidimensional, induz a execução de ações sucessivas e/ou simultâneas no amplo espectro dos conflitos, necessitando de coordenação em todos os níveis (BRASIL, 2015).

Tais considerações nos fazem perceber o quão importante é a atuação do Caçador no combate moderno, que passa a ser instrumento fundamental do comando nos diversos tipos de operações e em especial nas áreas edificadas, multiplicando o poder de combate da fração a que pertence ou apoia.

Nesse contexto do combate em amplo espectro, tem-se um deslocamento das ações de combate das áreas rurais para as áreas urbanas, sobretudo a partir da década de noventa. As operações militares têm sido desenvolvidas, cada vez mais, em áreas humanizadas ou no seu entorno. A presença da população e de uma miríade de outros atores dificulta a identificação dos contendores e aumenta a possibilidade de danos colaterais decorrentes das ações militares (BRASIL, 2014).

Quando se fala em área edificada, tem-se um novo cenário, onde as ações do caçador podem ser bastante potencializadas. Construções dissimulam a progressão e os efeitos dos fogos diretos e indiretos. O entulho da destruição das

construções oferece cobertura para os atacantes e defensores, tornando a conquista do objetivo muito difícil (BRASIL, 2017).

Pode-se fazer um correlacionamento plausível entre defesa de uma localidade e a atuação em área edificada, utilizando conceitos daquela para uma melhor compreensão desta. Como exemplo, algumas características desse ambiente, tais como: cada prédio ou grupo de edifícios é um ponto forte em potencial; máximo de abrigos e cobertas; plenitude de obstáculos; as ruas constituem faixas de aplicação de fogos e restringem e canalizam os movimentos; aplicação limitada do princípio da massa, pelo atacante; emprego pouco eficaz das armas de apoio, pelo atacante; descentralização do combate; e facilidade de movimento no interior da posição e de aprofundamento da defesa (BRASIL, 2017).

1.1 PROBLEMA

Considerando, portanto, um novo cenário do ambiente operacional, as possibilidades e limitações do Caçador e as características da atuação em área edificada, quais capacidades do sistema de armas Caçador são mais relevantes para seu melhor emprego na defesa em área edificada?

1.2 OBJETIVOS

Com a finalidade de direcionar a metodologia do trabalho, e considerando o exposto até o momento, temos os seguintes objetivos geral e específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo irá integrar os conceitos previstos nos manuais nacionais, de países estrangeiros e conhecimentos doutrinários produzidos em trabalhos científicos anteriores, com as informações científicas atualizadas, a fim de compreender quais as capacidades mais importantes do sistema Caçador a serem observadas pelos Comandantes de Unidade de Infantaria para seu emprego mais eficiente, eficaz e efetivo num contexto de defesa em área edificada no amplo espectro dos conflitos atuais.

1.2.1 Objetivos Específicos

Com vistas à consecução do objetivo geral deste estudo e seguir um caminho lógico até a sua conclusão, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- a. apresentar as características e peculiaridades do ambiente do campo de batalha contemporâneo;
- b. apresentar as características, possibilidades, limitações e peculiaridades do Caçador no Exército Brasileiro;
- c. apresentar a doutrina de emprego do Caçador em área edificada vigente no Exército Brasileiro;
- d. apresentar a doutrina da defesa em área edificada da tropa convencional do Exército Brasileiro;

1.3 JUSTIFICATIVAS

Os combates modernos vêm tomando configurações cada vez mais complexas, caracterizando-se pela presença de civis, pelo uso maciço de tecnologia, presença da mídia no ambiente operacional, pelo emprego de estrutura com proteção coletiva, velocidade e letalidade seletiva, utilização de aeronaves não tripulada e pela guerra cibernética. (BRASIL, 2015).

O caráter difuso das ameaças, o ambiente do campo de batalha contemporâneo, cada vez mais não linear, descontínuo, assimétrico e multidimensional, induz a execução de ações sucessivas e/ou simultâneas no amplo espectro dos conflitos (BRASIL, 2017).

No ambiente operacional contemporâneo, apesar de ainda ocorrerem alguns conflitos bélicos com o empenho de numerosos efetivos, a declaração formal de guerra entre Estados deixou de ser a regra. Em um ambiente de incertezas, tem sido mais difícil a identificação do inimigo dominante, estatal ou não, regular ou irregular (BRASIL, 2014).

Considerando esse ambiente urbano de atuação, cresce de importância o emprego de Caçadores, que possuem como uma de suas capacidades a realização de fogos seletivos, o que pode reduzir possíveis baixas indiscriminadas.

Portanto, esse estudo científico permitirá aos Comandantes de Unidades de Infantaria conhecer, de maneira mais detalhada, a conjuntura atual dos conflitos, seu

ambiente, em particular em área edificada, e as capacidades e limitações do Caçador, com vistas no seu emprego na defesa desse tipo de ambiente operacional. Outrossim, servirá como uma ferramenta a mais na tomada de decisão, no que concerne esse tema.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa científica é do tipo aplicada, com a forma de abordagem qualitativa e com traços quantitativos, adotando o viés exploratório e descritivo quanto ao objetivo geral, orbitando nos patamares do conhecer e compreender no que diz respeito aos objetivos de pesquisa. Para a consecução dos objetivos estabelecidos, valemo-nos do estudo observacional, por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevista e levantamento. Este último, por intermédio da aplicação de questionário para a obtenção dos dados referentes às variáveis do tipo nominal.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA

Norteadas pelas indagações surgidas ao longo deste trabalho científico e por expressões-chaves relacionadas ao tema, a revisão bibliográfica foi balizada pela literatura onde se pudesse melhor compreender o atual cenário dos conflitos modernos, o combate em área edificada e a doutrina do emprego do Caçador, de forma a permitir, da maneira mais cristalina possível, identificar as capacidades do Caçador numa defesa em área edificada.

Com base nisso, e de forma mais detalhada, foram buscadas as fontes de dados que apresentassem:

- a) o cenário atual dos conflitos modernos, com fins de melhor entender o ambiente operacional no qual o Caçador está inserido;
- b) as peculiaridades do combate em área edificada, em particular sua defesa, considerando-o circunscrito nesse cenário atual, para que melhor permitissem compreender o emprego do caçador nesse contexto;
- c) as peculiaridades, possibilidades e limitações do Caçador, tanto no Brasil quanto em países estrangeiros, para que pudessem dar subsídios para uma comparação e a visualização de possíveis pontos fortes a serem melhor explorados num hipotético emprego do Caçador em defesa de área edificada.

Adotou-se como critério de inclusão as obras, portarias, manuais, *sites* oficiais e pesquisas qualitativas e quantitativas publicadas em português, inglês e espanhol relacionadas aos conflitos modernos, combate em área urbana, combate em área edificada e ao Caçador.

Os critérios de exclusão utilizados foram: os manuais revogados por portarias posteriores, os estudos referentes ao emprego do Caçador estritamente em ambiente rural e os estudos referentes ao emprego do Caçador em operações ofensivas.

2.2 INSTRUMENTOS

Um dos instrumentos utilizados neste projeto foi a coleta documental, empregada para permitir a formação do alicerce bibliográfico e documental que desse suporte, ao estudo, pela literatura estudada.

Diante da relativa escassez de trabalhos científicos a respeito do tema e sobretudo pela falta de um instrumento de pesquisa já utilizado e validado em outro estudo semelhante, conhecido como padrão-ouro, elaborou-se um questionário específico para este trabalho. Os questionamentos foram desenvolvidos a partir da experiência profissional do autor e do conhecimento obtido na revisão bibliográfica, com vistas a elucidar os objetivos geral e intermediários da pesquisa.

A fim de se ter uma opinião direta quanto à relevância das capacidades do Caçador na defesa em área edificada, o questionário, composto por uma série ordenada de perguntas fechadas, permitiu conceituar em sem importância (SI), pouca importância (PI), importante (I), muito importante (MI) e extremamente importante (EI) cada uma das capacidades elencadas na avaliação. Bem assim, foi possível escalonar em nível de prioridade de importância as referidas capacidades.

A coleta de dados foi viabilizada pela distribuição indireta de um formulário eletrônico do *Google Docs*®, disponibilizado no endereço <https://goo.gl/forms/V5ZUkdTR7AL1WwWO2>. Antes de sua divulgação e com a finalidade de mitigar a ocorrência de falhas de elaboração ou dúvidas, às quais poderiam influenciar o resultado da investigação, foi realizado um pré-teste com 5 alunos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Essa pré-amostra foi composta por militares possuidores de Estágio de Caçadores. Alterações no questionário foram executadas ao final do pré-teste para melhorar a confiabilidade do instrumento e sua fidedignidade externa.

Para o dimensionamento da amostra foi utilizado um nível de confiança de 90% e erro amostral de 10%. A população em estudo foi constituída pelos Oficiais, Sub Tenentes e Sargentos de carreira do Exército Brasileiro que realizaram o Estágio de Caçador, tanto na Academia Militar das Agulhas Negras, quanto no Comando de Operações Especiais, nos últimos 10 anos, totalizando 402 militares. A amostra a ser estudada necessitaria de um mínimo de 59 militares, no entanto houve 61 voluntários.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo é dedicado à apresentação dos resultados obtidos, sua análise e a discussão em torno do objeto formal de estudo: compreender quais as capacidades mais importantes do sistema Caçador a serem observadas pelos Comandantes de Unidade de Infantaria para seu emprego mais eficiente, eficaz e efetivo num contexto de defesa em área edificada, na crença de que esse levantamento terá um reflexo positivo na produção da doutrina do emprego do Caçador na Defesa em Área Edificada.

3.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1.1 A vinda do combate para área urbana

As cidades mais antigas teriam surgido a cerca de seis mil anos, ao logo dos vales dos rios Tigres e Eufrates, Nilo e Indo. Nessa época, as cidades já possuíam certa importância política, econômica e social, porém, só foi a partir do século XVIII que o processo de urbanização teve um salto significativo.

O processo de urbanização está diretamente relacionado ao aumento da população urbana em relação à população rural. Portanto, quando a população de um determinado lugar supera os 50% do total de habitantes, dizemos que esse espaço é urbanizado (CARVARARO, 2017, p. 12).

Por volta de 1800, apenas 3% da população encontrava-se na área urbana. Mas a partir da 1ª Revolução Industrial o deslocamento da população do campo para as cidades em busca de emprego aumentou. Funcionavam como fatores de repulsão da área rural: baixos salários agrícolas, concentração fundiária e mecanização do campo.

Em meados do século XIX, durante a 2ª Revolução Industrial, cerca de 15% da população mundial já se encontrava vivendo em cidades. Nos centros urbanos os fatores de atração não se resumiam ao processo de industrialização, mas também a expansão do setor de serviços (XXX).

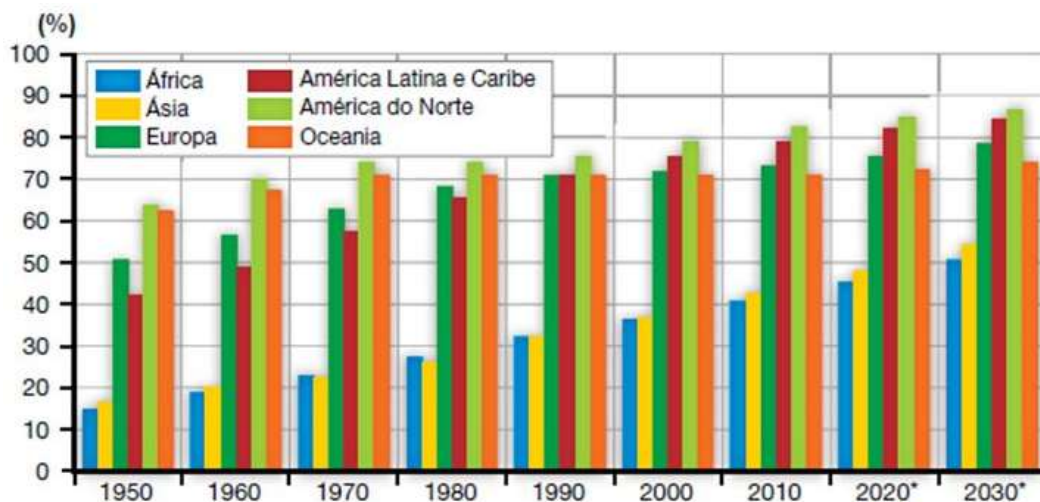


Gráfico 1 – Gráfico do crescimento urbano mundial

Fonte: ONU. Situação da População Mundial 2007; desencadeando o potencial de crescimento urbano. Nova York. Fundo de População das Nações Unidas, 2007. p. 11.

Atualmente, mais da metade da população mundial vive em cidades e o modo de vida urbano-industrial foi o principal responsável pelo deslocamento de grande parcela da população das áreas rurais. Nos países da América do Norte e Europa, a urbanização atingiu níveis elevadíssimos. Existem países que ultrapassam os 90% de urbanização, que é o caso da Bélgica, como podemos observar na tabela abaixo. Já na Ásia e África, os níveis de urbanização são muito baixos, pois a maior parte da população ainda vive na área rural, em função da economia desses países ainda estar baseada em atividades do setor primário.

TABELA 1 – Taxa de urbanização de países desenvolvidos no mundo, em percentuais

Países Desenvolvidos	1960	1992	2000
Bélgica	92	97	97
Países Baixos	85	89	89
Alemanha	76	86	88
Reino Unido	86	89	90
Austrália	81	85	85
Japão	63	77	78
Canadá	69	77	77
Estados Unidos	70	76	78
França	62	73	73
Itália	59	67	67

Fonte: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-mundial.html>

TABELA 2 – Taxa de urbanização de países não desenvolvidos no mundo, em percentuais

Países Desenvolvidos	1960	1992	2000
Cingapura	100	100	100
Hong Kong	85	94	96
Argentina	74	87	89
Chile	68	84	85
Coréia do Sul	28	77	86
Brasil	45	76	81
México	51	74	78
Malásia	27	51	57
África do Sul	47	50	73
China	19	28	35

Fonte: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-mundial.html>

Embora o combate urbano não seja um fenômeno militar dos tempos atuais, mas sim um elemento que já acompanha o homem desde a antiguidade, com seus inúmeros casos de cercos a cidades e fortalezas em épocas remotas, o que propiciou o desenvolvimento de incontáveis engenhos bélicos, técnicas e táticas, com a finalidade de apoiar tanto o atacante quanto o defensor, foi apenas no século XX, seguindo a lógica da urbanização apresentada a cima, que o combate passou a se desenvolver efetivamente nos ambientes urbanos.

Durante a Guerra Fria, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) estava profundamente preocupada com a crescente urbanização da Europa. Isso poderia constituir-se em um óbice ao emprego de meios nucleares, mesmo que de pequena potência, levando a que os países dessa organização levantassem a hipótese da ocorrência de combates em áreas urbanas, como fica demonstrado abaixo, pela transcrição de um artigo do exemplar de outubro de 1977 da revista *Military Review*:

Os piores problemas surgem quando se imagina que um país por inteiro poderá tornar-se urbanizado de tal forma que as cidades se constituam nas principais características do terreno (cerca de 70% da população da Alemanha Ocidental vive atualmente em áreas urbanas), porque não é somente o número dos que moram em grandes subúrbios contínuos que torna as áreas urbanas importantes, mas sim o somatório de fatores entre os quais figuram a distribuição física de pequenas vilas, a localização das áreas construídas em relação às florestas e rios e o potencial para a utilização de terreno urbano como parte de um planejamento militar. (BRACKEN, 1977, p.70).

Essa preocupação se justificou ao longo dos anos, pois houve um aumento no número de combates que ocorreram em cidades, podendo-se citar: Saigon (1975), Beirute

(1982), Cidade do Kwait (1991), Mogadíscio (1993), Grozny (1994 e 1999) e Bagdá (2003), dentre outras. Atualmente, no que se refere ao Brasil, tivemos até o ano de 2017, tropas do Exército e da Marinha enfrentando o ambiente operacional urbano na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), inclusive com o emprego de Caçadores. Outrossim, tem-se a atuação das Forças Armadas brasileiras em diversas ações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) nos últimos anos, com especial emprego na Intervenção Federal no âmbito da segurança pública no Estado do Rio de Janeiro no ano de 2018. Embora esses últimos não sejam categoricamente situações de combate, há muitas similaridades no emprego da tropa e do caçador nessas situações.

Dessa forma, vê-se que a migração das populações das áreas rurais para as áreas urbanas após a 1ª Revolução Industrial, e mais intensamente após a 2ª Revolução Industrial, tornou tais regiões cada vez mais importantes e determinantes no espectro dos conflitos, bem como houve uma exponencial evolução da tecnologia bélica, em particular após a 2ª Guerra Mundial, culminando na mudança do ambiente operacional de rural para urbano na maioria dos conflitos entre nações mundo a fora.



FIGURA 1: Militares dos EUA em operações no Iraque, em 2003
Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/GUERRA+NO+IRAQUE.html>

3.1.2 Cenário militar urbano da atualidade

Nas operações militares contemporâneas, percebe-se uma modificação do campo de batalha bastante significativa a partir dos anos 90, no qual o combate de alta intensidade passou a ser influenciado pelo surgimento de atores não estatais, com crescente capacidade de interferir diretamente no resultado das campanhas militares. Inseridos em áreas urbanizadas e descaracterizados no meio da população

civil, estes atores forçaram às adaptações das técnicas, táticas e procedimentos em uso pelos Exércitos (BRASIL, 2013).

Os conceitos atinentes às Operações no Amplo Espectro, como se vê na Figura 1, abaixo, respondem à realidade atual, contemplando as novas demandas do Espaço de Batalha. A atuação em todos os ambientes operacionais e com diferentes atitudes passa a ser a regra, com atores das mais diversas origens, onde as forças armadas necessitam conhecer o momento certo do emprego da força e o de realizar a transição para o apoio humanitário dentro de uma mesma operação, sucessiva ou simultaneamente.

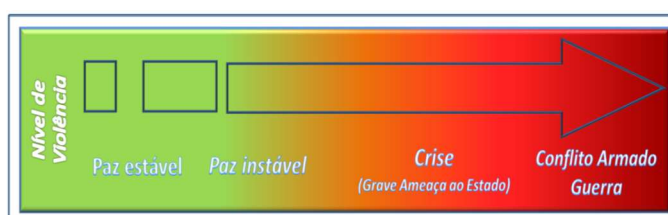


FIGURA 2 – O Espectro dos Conflitos

Fonte: Manual de Campanha Operações (EB20-MC-10.223)

Corroborando com essa perspectiva do cenário atual, o Manual de Campanha Operações Interagências (EB20-MC-10.201), que afirma que o vetor militar ficou mais complexo, por ocorrer em ambientes com a presença da população civil, concentrada em núcleos urbanos, o que reduz a possibilidade de identificar o oponente, requerendo novas capacidades de combate para evitar efeitos colaterais.

Nesse mesmo diapasão, o Manual de Campanha Operações (EB20-MC-10.223) expõe que o ambiente operacional é o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço onde atuam as forças militares e que interferem na forma como são empregadas, sendo caracterizado pelas dimensões física, humana e informacional (Fig 2).



FIGURA 3 – Dimensões do Ambiente Operacional

Fonte: Manual de Campanha Operações (EB20-MC-10.223)

Ainda em consonância com o Manual de Campanha Operações (EB20-MC-10.223), as forças militares devem realizar suas ações com relativa proteção blindada e **acurada precisão**. Devem dispor de capacidades específicas, ser dotadas de meios com alta tecnologia agregada, de armas de **letalidade seletiva** e que permitam uma rápida e precisa avaliação de danos, combinados com meios de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (**IRVA**) (grifo nosso).

Foram feitos dois questionamentos para análise da percepção dos militares sobre a atual conjuntura do combate moderno. O primeiro buscou mensurar o nível de concordância dos militares quanto a afirmativa de que combate de alta intensidade passou a ser influenciado pelo surgimento de atores não estatais (não regulares), inseridos em áreas urbanizadas e descaracterizados no meio da população civil, chegando-se aos dados do Gráfico 1, em percentuais, abaixo:

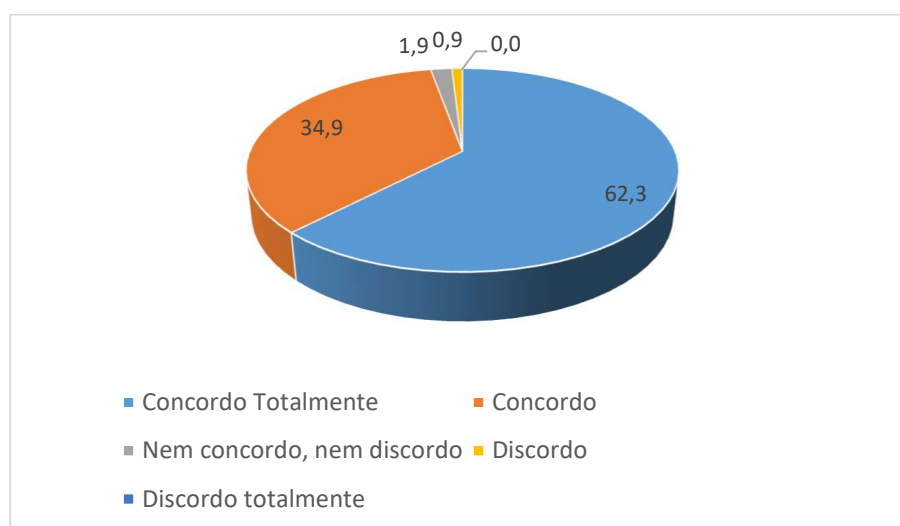


GRÁFICO 2 – Percepção sobre os atores não estatais no combate moderno
Fonte: O autor

O segundo questionamento, de forma similar, objetivou quantificar o nível de concordância relativa a afirmação de que atual ambiente operacional apresenta um caráter difuso das ameaças, uma significativa dificuldade de caracterizar o oponente na população e que há uma prevalência dos enfrentamentos ocorrerem em áreas humanizadas, onde se obteve os seguintes valores percentuais:

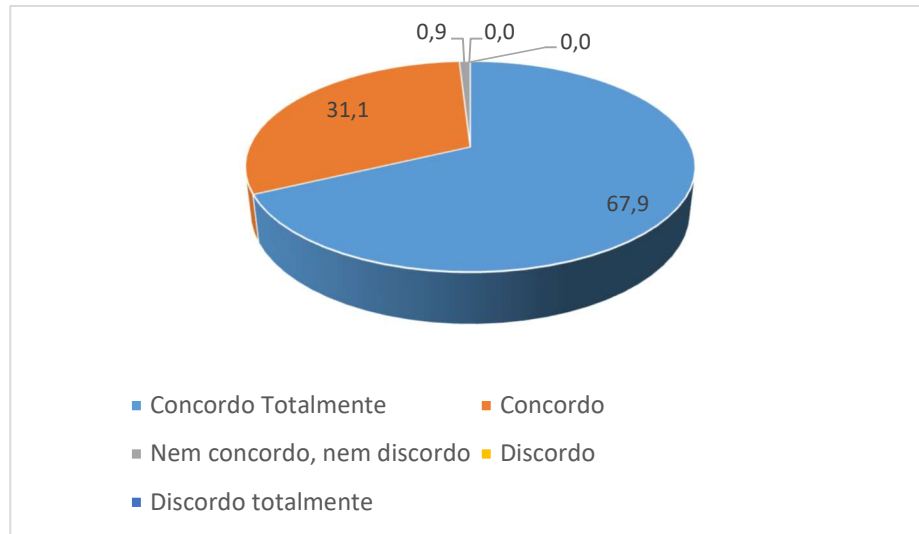


GRÁFICO 3 – Percepção sobre enfrentamentos ocorrerem em áreas humanizadas
Fonte: O autor

Observa-se que o nível de concordância, considerando o “concordo” e o “concordo totalmente”, chega a 97,2% no primeiro questionamento, e a 99,1% no segundo. Portanto, percebe-se uma convergência sobre o que a doutrina brasileira apresenta a respeito do cenário dos conflitos modernos, no qual se insere a defesa em área edificada, e o entendimento dos militares consultados. Tal fato confere maior credibilidade sobre a opinião destes quanto ao emprego do Caçador naquele ambiente operacional.

O Caçador de Operações Especiais Cap Felipe Gorgen dos Reis, da Turma de Infantaria 2008 da AMAN, possuidor dos cursos de Comandos e de Forças Especiais e com experiências em diversas operações em áreas edificadas, no Brasil e no exterior, corrobora com o fato de que a tendência é que os combates sejam travados cada vez mais nas áreas urbanas/edificadas. Nesse contexto, afirma ainda, que é nesse ambiente onde há maior probabilidades do emprego do Caçador brasileiro, acrescentando que esse emprego raramente seria a longa distância, ou seja, acima de oitocentos metros.

Ainda na visão do Cap Reis, uma característica relevante dos atuais conflitos em áreas edificadas é a “existência de uma força adversa que se confunde com o terreno humano, que permeia todas as operações militares, ou seja, a população local que está em meio ao conflito”.

Fica notório, dessa forma, que os conflitos em áreas edificadas são, factualmente, cada vez mais frequentes, e com uma miríade de fatores intervenientes que extrapolam a dimensão física, com grande ênfase na dimensão informacional e,

sobretudo, na dimensão humana, exigindo dos Comandantes de Unidades de Infantaria o correto emprego do Caçd nesse relativamente novo campo de batalha.

3.1.3 O Caçador

No Brasil, tem-se como uma das diretrizes da estratégia nacional de defesa, dentre outras, a dissuasão de forças hostis, seja nas fronteiras terrestres, seja nas marítimas ou mesmo no espaço aéreo nacional. Para que tal dissuasão seja efetiva, é preciso estar preparado para o combate. A tecnologia, por mais avançada que seja, jamais será alternativa ao combate, será sempre instrumento do combate (END, p. 3).

Assim também é quando tratamos do combate em áreas urbanizadas, não prescindindo o emprego dos recursos humanos pelo emprego tecnológico. Desta feita, o Caçador também é elemento importante nesse ambiente de conflitos.

3.1.3.1 Seleção dos Caçadores

Deve-se ter bastante critério na escolha e seleção do Caçador, pois tais militares são submetidos a rigorosos treinamentos e, em situação de combate, não raramente, estão mais expostos a grandes riscos que a tropa convencional (BRASIL, 1998).

As características exigidas aos candidatos ao estágio, pelo Exército Brasileiro, são: ser voluntário, estar em muito boa condição física, ser um excelente atirador de armas longas, possuir conhecimentos técnicos e táticos adequados e suficientes, ter visão perfeita (ainda que com uso de corretivos), não possuir vícios e ser militar de carreira, tanto para oficiais, quanto para sargentos (BRASIL, 1998).

Para selecionar o militar, de acordo com as IP 21-2, de 1998, leva-se em consideração o conceito do Comandante da Unidade a que o militar pertence, baseado numa série de atributos da área afetiva; o teste físico, onde o militar deve atingir a menção “MB” ou “E” no Teste de Avaliação Física; o Teste de Aptidão no Tiro (TAT), que deve ser conceito “E”; exames médicos, que atestem a plena higidez física do candidato e a acuidade visual mínima de 20/20, admitindo-se correções.

É realizado, ainda, uma prova seletiva de tiro, onde se utiliza o armamento FAL 7,62mm, a uma distância de 50m, com o alvo de precisão da prova de Fogo Central. Nessa prova, o militar deve realizar 30 tiros, sendo 10 na posição deitada, 10

na posição de pé, e 10 na posição ajoelhada, todas sem apoio. O tempo destinado para a prova é de 90 minutos e o candidato deve obter a pontuação mínima de 265 pontos.

O militar que atende a todos os requisitos descritos a cima, poderá então frequentar os estágios de Caçador, onde se destacam os ministrados regularmente na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende-RJ, e no Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOPesp), em Niterói. Este último, específico para militares operadores especiais e com maior duração.

Em síntese, o estágio é composto por instruções teóricas e práticas, abordando diversos aspectos de suma importância para o sistema caçador, tais como armamentos, munição e técnica de tiro, camuflagem, condução e correção do tiro, balística, avaliação de distâncias, busca e seleção de alvos, técnica do material óptico e oprônico, emprego tático do caçador, caçada, dentre outras. Tais atividades desenvolvem-se no tempo médio de duas semanas.

3.1.3.2 Armamento e equipamento

Com a finalidade de durar na ação, o caçador deverá dispor de equipamentos (Eqp) que permitam sua atuação em boas condições, sem o apoio logístico regular, uma vez que é empregado, normalmente, de forma descentralizada (BRASIL, 1998).

Para tal, o Caçador vale-se dos seguintes equipamentos: sistema de armamento, equipamentos óticos, munição, equipamento adicional, equipamento individual, e fardamento.

O sistema de armamento do Caçador é constituído por seu fuzil juntamente com a luneta telescópica, podendo ser antipessoal ou antimaterial.



FIGURA 4 – Fuzil antipessoal AGLC .308

Fonte: <http://forum.defesa.org/forum/viewtopic.php?f=14&t=11003>



FIGURA 5 - Fuzil antimaterial Barret M82

Fonte: <http://vamosfalarde.com.br/barrett-m107a1-rifle-system-black-receiver-black-20-fluted-barrel.aspx>

Em linhas gerais, os fuzis antipessoal possuem calibre 7,62mm e o antimaterial calibre .50. O alcance desejado é entre 800m e 1000m, para o emprego antipessoal.

Quanto aos equipamentos óticos, dividem-se em de pontaria, de observação e oprônicos.

O equipamento ótico de pontaria é materializado pela luneta telescópica, que deve ser de simples manuseio, ter aumento entre três e doze vezes, possuir um dispositivo de iluminação para o retículo e mira telescópica para visão noturna (BRASIL, 1998).



FIGURA 6 – Luneta de pontaria

Fonte: <http://blog.tocandira.com.br/red-dot-ou-luneta>

No tocante aos equipamentos óticos de observação, o Caçador utiliza a luneta de observação, cuja capacidade de aumento deve ser superior a 20 vezes; utiliza um ou mais binóculos, com aumento de 3 a 12 vezes; e o telêmetro, com aumento em torno de 10 vezes, mas com a finalidade precípua de medir distâncias (BRASIL, 1998).



FIGURA 7 – Da esquerda para a direita: luneta de observação, binóculos e telêmetro laser
 Fonte: <https://br.depositphotos.com/4557019/stock-photo-military.html>

No que concerne aos oprônicos, o principal deles são os óculos de visão noturna, que devem ser de um tamanho reduzido, rústico, com a peculiaridade de ser ativo e passivo, dando a capacidade de atuação noturna por parte do caçador (BRASIL, 1998).



FIGURA 8 – Óculos de visão noturna
 Fonte: http://www.eb.mil.br/o-exercito?p_p_id=101&p

A munição a ser usada pelo Caçador deve ser de alto nível, que atenda a potência de impacto, flecha, velocidade inicial, desvio, etc. Cabe ao Caçador conhecê-las detalhadamente, para que saiba utilizar a munição adequada ao tipo de missão a ser cumprida. Dentre os vários tipos de munição que o caçador pode utilizar, destacamos a Boat Tail (BT), que possui elevada velocidade, pequeno desvio e maior estabilidade em sua trajetória (BRASIL, 1998).



FIGURA 9 – Munição do tipo Boat Tail (BT)
 Fonte: <https://www.cbc.com.br/wp-content/uploads/2018/08/Folheto-MuniB5es-OTM.pdf>

O Caçador deverá portar, obviamente, seu equipamento individual, que nada mais é que o conjunto de itens que permitirá à sua equipe cumprir sua missão em campanha. Deverá restringir-se ao necessário à sua atuação em campanha, sendo acondicionado, nos fardos aberto, de combate e bagagem (BRASIL, 1998).

Considera-se, ainda, os materiais adicionais a serem conduzidos pelo Caçador, onde se destaca o conjunto rádio e seus implementos, fundamentais para o Comando e Controle. Não menos importante também, é o uso de uma máquina de calcular, que facilita os cálculos de dados relevantes e complementares para a realização de um bom tiro.

No que diz respeito ao fardamento, ressalta-se o uso da roupa *Ghillie*, que deve ser reforçada, para aguentar a progressão no terreno, e ter sua camuflagem muito bem adaptada ao ambiente operacional de atuação (BRASIL, 1998).



FIGURA 10 – Roupa *Ghillie*

Fonte: http://snipersbrasil.blogspot.com/2009/02/roupa-ghillie-suit_21.html

3.1.4 O emprego do Caçador

Nos Quadros de Efetivos do Quadro de Organização (QE / QO) das Unidades de Infantaria são organizados em Turma de Caçadores (Tu Caçd) composta de duas equipes (Eq Caçd), com dois caçadores (3º Sgt) por equipe, conforme podemos ver na Figura, logo abaixo:

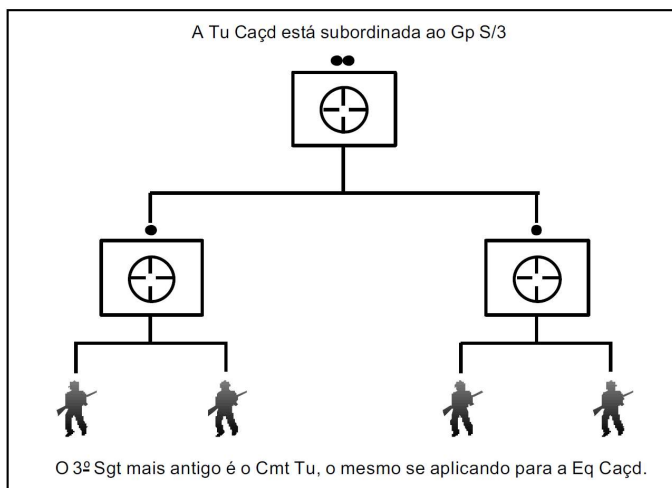


FIGURA 11 - Constituição da Tu Caçd em uma Unidade de Infantaria
 Fonte: BRASIL, 1998, p. 1-3

No que diz respeito ao emprego da Tu Caçd, as IP 21-2, em seu Capítulo 5, aborda as Formas de Emprego do Caçador, de acordo com a exigência da situação e sob determinação do Comando da Unidade, que tem a ascendência decisiva direta sobre sua atuação. Os caçadores serão, normalmente, empregados em ação de conjunto, atuando em proveito de toda a Unidade, ou em reforço a uma determinada subunidade. O emprego dos caçadores em apoio direto não é normal, devido ao pequeno efetivo da Turma e às peculiaridades desta forma de emprego.

Em seu emprego, tem-se como missão principal: executar tiros precisos, a longa distância, em alvos inimigos selecionados, de oportunidade ou planejados, neutralizando-os; e como missão secundária: buscar informes sobre o inimigo e sobre o andamento do combate, relatando-os ao escalão superior o mais cedo possível (BRASIL, 1998).

Segundo as IP 21-2, são considerados nove princípios básicos de emprego do caçador: o caçador atira em alvos selecionados; o caçador deve furtar-se da observação inimiga e só atira de uma distância segura; o caçador trabalha em dupla com o observador; sempre que possível, o caçador atua protegido pela tropa amiga; o caçador deve ter fuzil, munição, equipamentos e treinamento específicos; o caçador é o maior conhecedor de suas próprias capacidades, limitações e possibilidades de emprego e deve ser ouvido em relação a isto, quando a ele se atribuir alguma missão; em determinadas situações, a melhor defesa contra o caçador inimigo é o caçador amigo; o ponto focal do emprego do caçador é saber controlar as suas ações, sem retirar-lhe a liberdade de ação e a flexibilidade; em princípio, os caçadores começam

a atuar de 24 (vinte e quatro) a 48 (quarenta e oito) horas antes do início da operação tática na qual a Unidade a que pertencem estiver empenhada.

Tem-se como capacidades do caçador, realizar tiros de precisão a curta e longa distâncias, avaliar distâncias com precisão, realizar fogos seletivos (baixo efeito colateral), atuar como elemento de inteligência (coleta de informações), monitorar regiões de interesse para a Inteligência (RIPI), realizar busca de alvos, camuflar-se, infiltrar-se e realizar reconhecimentos de pontos ou pequenas áreas (BRASIL, 1998).

Particularmente em ambiente edificado, tem-se como limitações do seu emprego: reduzidos campos de tiro em largura e profundidade, presença de ângulos mortos em grande quantidade, itinerários de retraimento limitados e canalizados, necessidade de diversas posições de muda para bater o mesmo setor de tiro, presença maciça de escombros e estruturas de alvenaria e concreto, oferecendo abrigos ao oponente (BRASIL, 1998).

3.1.5 Defesa em área edificada

A defesa de uma localidade tem por principal finalidade tática evitar a utilização integral pelo inimigo das vias de transporte (estradas de rodagem, ferrovias e cursos de água navegáveis) que passam em seu interior ou em suas proximidades (BRASIL, 2003).

A utilização de uma área edificada na organização de uma defesa depende de fatores tais como o seu tamanho, a sua localização em relação à posição defensiva geral e a proteção oferecida pelas edificações (BRASIL, 2003).

Segundo o manual C 7-20, Batalhões de Infantaria, as principais características do combate em localidade são: cada prédio ou grupo de edifícios é um ponto forte em potencial; máximo de abrigos e cobertas; plenitude de obstáculos; observação e campos de tiro reduzidos, limitando-se às ruas e praças; as ruas constituem faixas de aplicação de fogos e restringem e canalizam os movimentos de viaturas; aplicação limitada do princípio da massa, pelo atacante; emprego pouco eficaz das armas de apoio, pelo atacante; descentralização do combate; facilidade de movimento no interior da posição e de aprofundamento da defesa.

No Combate em Localidade, o consenso atual é que as áreas urbanas tendem a anular as vantagens tecnológicas de forças militares supostamente superiores em Poder de Combate, forçando-as, conseqüentemente, a adotar métodos não

conhecidos ou de reduzida tecnologia para travar a guerra. Inimigos operando em áreas urbanas podem utilizar uma grande variedade de métodos assimétricos para reduzir o ritmo das operações militares, criar um grande número de baixas e através de uma variedade de meios, tentarão quebrar a vontade do oponente de continuar a luta. Ao invés de procurar chegar à vitória, o inimigo precisa apenas evitar a derrota (HANH, 2002 apud ROSA, 2004, p. 21).

Segundo HAHN (2002), o ambiente urbano é uma fonte riquíssima em opções de defesa. São muitas as características específicas da localidade que podem facilmente anular uma provável vantagem sobre a força defensora. Dentro das cidades avultam as dificuldades tais como a restrição dos campos de tiro, a dificuldade das comunicações, o que restringe o poder de ataque, dificultando sua orientação e coordenação. As avenidas, ruas e vielas canalizam o movimento de viaturas de qualquer natureza, orientando-as, muitas vezes, diretamente aos fogos das armas anticarro do oponente.

3.1.6 O Caçador na defesa em área edificada

As áreas urbanas são o terreno ideal para a equipe de Caçadores, onde pode ocupar diversas posições (ESTADOS UNIDOS, 1994).

Reforçando a relevância do emprego do Caçador em área edificada, o Cap Reis afirma que o uso de caçadores, sobretudo em área edificada, “diminui a possibilidade de efeito colateral, bem como reduz a probabilidade de baixa amiga. Em um ambiente onde a ameaça se confunde com a população local, um elemento que amplia sua visão em dez vezes, com o uso de luneta, vê o que os elementos que progridem sem esse material não vêem”.

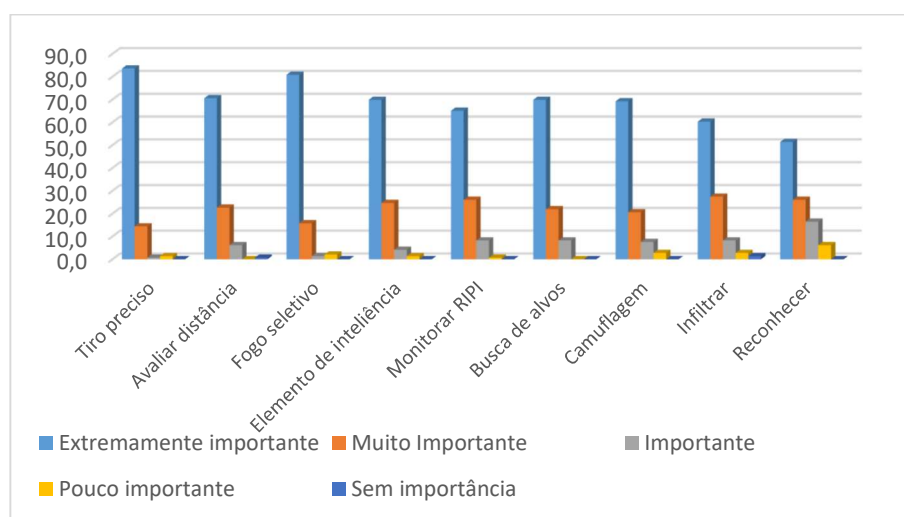
Considerando as capacidades do caçador e o ambiente operacional inserido, buscou-se verificar junto a amostra deste trabalho, qual o nível de importância percebido de cada uma das capacidades do caçador quando atuando numa defesa em área edificada, conforme a tabela a seguir.

TABELA 3 - Opinião em percentual do nível de importância de cada capacidade do caçador

Capacidades	Nível de importância				
	Extremamente importante	Muito importante	Importante	Pouco importante	Sem importância
Tiro preciso	83,6	14,4	0,6	1,4	0
Avaliar distância	70,5	22,6	6,2	0	0,7
Fogo seletivo	80,8	15,8	1,3	2,1	0
Elemento de inteligência	69,9	24,7	4,1	1,4	0
Monitorar RIPI	65,1	26,0	8,2	0,7	0
Busca de alvos	69,9	21,9	8,2	0	0
Camuflagem	69,2	20,5	7,5	2,7	0
Infiltrar	60,3	27,4	8,2	2,7	1,4
Reconhecer	51,4	26,0	16,4	6,2	0

Fonte: O autor

Para uma melhor compreensão dos dados, tem-se agora um gráfico comparativo, onde se percebe a prevalência de algumas capacidades em relação às demais.

**GRÁFICO 4** – Comparação entre as capacidades do caçador

Fonte: O autor

Analisando esses dados, percebe-se que todas as capacidades avaliadas foram consideradas de altíssima relevância. Considerando os níveis “muito importante” e “extremamente importante”, o menor percentual foi para a capacidade de reconhecimento, que obteve, somando-se esses dois níveis, 77,4%, e o maior percentual destinou-se à capacidade de realização de tiros precisos, que chegou a 98%. Destacou-se, ainda, a capacidade de realização de fogo seletivo, com 96,6%, considerando os mesmos dois níveis citados. Tais dados indicam que o domínio de

todas as capacidades elencadas neste trabalho é de suma importância para o cumprimento da missão do Caçador na defesa em área edificada.

Entretanto, os dados acima não expuseram de forma cristalina o grande objetivo deste estudo, qual seja a necessidade de se identificar as capacidades do sistema de armas Caçador mais relevantes para seu emprego na defesa em área edificada. Sendo assim, foi verificado, junto à amostra, a ordem de prioridade dos graus de importância das capacidades elencadas anteriormente. De tal questionamento, verifica-se que as três capacidades apontadas, na ordem de prioridade, como sendo as mais importantes foram: a realização de tiros precisos, a realização do fogo seletivo e a atuação como elemento de inteligência, respectivamente, conforme gráfico abaixo.

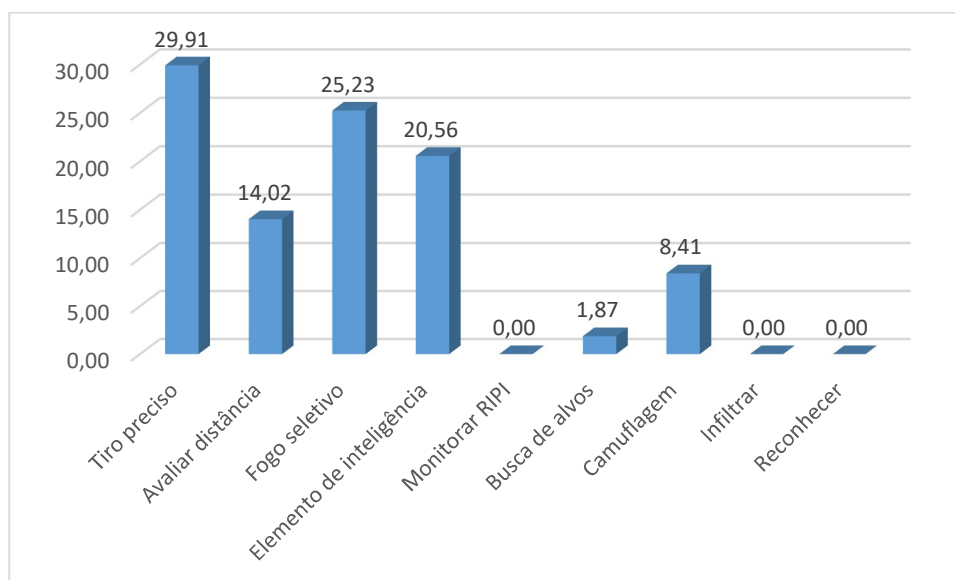


GRÁFICO 5 – Capacidade julgada mais relevante na defesa em área edificada
Fonte: O autor

Pode-se observar que 29,91% dos entrevistados elencaram que a execução do tiro preciso é a capacidade mais importante na defesa em área edificada, quando escalonada numa ordem de prioridade, enquanto que 25% apontaram para a capacidade de fogo seletivo e outros 20,56% para a atuação do Caçador como elemento de inteligência.

Convergindo com esses dados, o Cap Reis, ao também ser arguido quanto as capacidades mais importantes do Caçador na defesa em área edificada, afirmou acreditar “que a maior capacidade que as equipes de caçador possuem são o emprego como plataforma de inteligência. Em um ambiente onde a ameaça se

confunde com a população local, o emprego de equipes de caçadores em PO monitorando uma RIPI pode diferenciar os elementos populacionais que ali residem, separando-os em ameaça e não ameaça. Dessa forma, é possível pontualizar as ações da infantaria e ampliar consciência situacional”, acrescentando “que, quando empregados junto com obstáculos, podem parar o avanço do inimigo, permitindo-se à unidade que defende ganhar tempo para preparar seu contra-ataque”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente do campo de batalha contemporâneo tem se mostrado cada vez mais assimétrico e multidimensional, induzindo a execução de ações sucessivas e simultâneas no amplo espectro dos conflitos, demandando um criterioso emprego das tropas por parte de seus comandantes.

Ganha relevância, nesse cenário, o Caçador, que passa a ser instrumento fundamental do comando nos diversos tipos de operações e em especial nas áreas edificadas, multiplicando o poder de combate da fração a que pertence ou apoia.

É condição *sine qua non*, para o melhor emprego do Caçador pelo Comandante de Unidade de Infantaria, o conhecimento detalhado das capacidades desse militar, em particular na defesa em área edificada.

Do presente trabalho, pode-se verificar que a pesquisa parece resolver essa problemática, pois foi constatado, através da análise dos resultados obtidos, a compreensão do atual cenário do campo de batalha e, principalmente, foram identificadas as capacidades do Caçador mais relevantes para sua atuação no ambiente de defesa em área edificada.

Percebeu-se que os conflitos em áreas edificadas tornaram-se cada vez mais frequentes a partir de meados do século XIX, no pós Revolução Industrial, e mais intensamente a partir da década de 1990, caracterizado por um grande número de fatores intervenientes que extrapolaram a dimensão física, englobando agora a dimensão informacional e, sobretudo, a dimensão humana, com atores não estatais, confundindo-se com a população da própria região.

Os resultados obtidos quanto à identificação das capacidades do Caçador, apontaram que todas são de grande valia para seu emprego eficiente, haja vista que o Caçador se constitui em um sistema, sendo uma capacidade complementada pelas outras, e vice e versa.

Entretanto, dadas as características dos conflitos modernos e as peculiaridades da defesa em área edificada, os dados mostraram que as três capacidades do Caçador mais requisitadas na atuação em defesa de área edificada são, nessa ordem de importância: a realização de tiros precisos, a curto e longo alcance; a execução do fogo seletivo, muito importante para mitigar possíveis efeitos colaterais; e a atuação do Caçador como elemento de inteligência, dadas as maiores possibilidades, nesse ambiente operacional, de se ter a presença da ameaça em meio à população local.

Dessa forma, conclui-se que, para um emprego mais eficiente do Caçador por parte dos Comandantes de Unidade de Infantaria na defesa em área edificada, deve-se buscar explorar com mais ênfase as capacidades de realizar tiro preciso, a seletividade dos fogos e o emprego do Caçador como plataforma de inteligência. Para tal, sugere-se que os Comandantes efetivamente proporcionem aos militares integrantes das turmas de caçadores dos Batalhões de Infantaria a realização dos adestramentos de tiro necessários, com os armamentos e materiais especializados, inserindo tais instruções no cronograma anual da Unidade.

No que tange à atuação como elemento de inteligência, sugere-se a adequação dos atuais estágios, de forma a reservar maior carga horária para instruções dessa natureza, podendo, ainda, buscar coordenar atividades de instrução com militares integrantes do Sistema de Inteligência do Exército (SIEEx), que possuem maior expertise no assunto.

REFERÊNCIAS

_____. _____. **EB20-MF-10.102: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF, 2014.

_____. _____. **EB70-CI-11.408: O Pelotão de Fuzileiros no Combate em Área Edificada**. 2. ed. Brasília, DF, 2017.

_____. _____. **EB70-MC-10.201: Operações em Ambientes Interagências**. 1. ed. Brasília, DF, 2013.

_____. _____. **EB70-MC-10.211: Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres**. 1. ed. Brasília, DF, 2014.

_____. _____. **EB70-MC-10.211: Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres**. 1. ed. Brasília, DF, 2014.

_____. _____. **EB70-MC-10.223: Operações**. 5. ed. Brasília, DF, 2017.

_____. Sniper: seleção e treinamento. **Revista Sangue Novo**, Resende, ano 1, n. 1, p. 25-27, nov. 2002.

BRACKEN, Paul. **A Expansão Urbana e a Defesa da OTAN**. Military Review. p. 68-76, Out. 1977.

BRASIL. Exército. **IP 21-2: O Caçador**. 1. ed. Brasília, DF, 1998.

BROOKESMITH, P. **Sniper training, techniques and weapons**. 1. ed. Nova Iorque: St. Martin`s Press, 2000.

CARVARARO, Roberto. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil : uma primeira aproximação** / IBGE, Coordenação de Geografia. – Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Army. Headquarters. **Field Manual 23 - 10: Sniper Training**. Washington, D.C., 1994.

Estratégia Nacional de Defesa, 1. ed. Brasília, DF, 2013

FERREIRA, Guilherme Guimarães. **A busca de alvos de artilharia de campanha pelo caçador orgânico dos Batalhões de Infantaria**. 2004. Dissertação (Mestrado em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2004.

HECKSHER, M. **Emprego tático do caçador: Caderno de Instrução**. Resende, RJ: AMAN, 2003.

ONU. **Situação da População Mundial 2007; desencadeando o potencial de crescimento urbano.** Nova York. Fundo de População das Nações Unidas, 2007. p. 11.

RESENDE JÚNIOR, Márcio Nunes de. **A infiltração do caçador de operações especiais nas operações de eliminação.** 2004. Dissertação (Mestrado em Operações Militares)-Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2004.

ROSA, Fernando Barcellos da. **A capacidade do caçador do Batalhão Motorizado dotado com fuzil IMBEL-AGLC 7,62mm em engajar alvos altamente seletivos, durante a progressão no interior de uma localidade.** 2004. Dissertação (Mestrado em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2004.